

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

João Marcelo de Guimarães Dias

VISITAS A MUSEUS COMO PARTE DO PROGRAMA DE ARTE DA ESCOLA

Belo Horizonte

2019

João Marcelo de Guimarães Dias

VISITAS A MUSEUS COMO PARTE DO PROGRAMA DE ARTE DA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Ensino e Aprendizagem na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Denise Alves de Araujo

Belo Horizonte

2019

D541v Dias, João Marcelo de Guimarães, 1976-

Visita a Museus Como Parte do Programa de Arte da Escola [manuscrito] / João Marcelo de Guimarães Dias. - Belo Horizonte, 2019.
50 f., il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Denise Alves de Araujo
Inclui Bibliografia e apêndices

1. Educação de crianças. 2. Exposições - Museus. 3. Arte educação.

I. Araújo, Denise Alves de Araujo. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.

CDD- 707

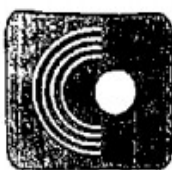
Catálogo da Fonte * : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica[†].)

Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

[†] Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."




UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO DÉCIMO NONO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA


Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**Visitas a museus como parte do Programa de Arte da escola**”, do(a) aluno(a) **João Marcelo de Guimarães Dias**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Denise Alves Araújo (orientador) e Suellen Guimarães Alves. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 97, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) João Marcelo de Guimarães Dias
João Marcelo Guimarães Dias

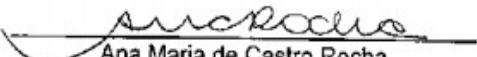
Registro na UFMG: 2018748941



Denise Alves Araújo
Professor(a) Orientador(a)



Suellen Guimarães Alves
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)



Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

João Marcelo de Guimarães Dias

VISITAS A MUSEUS COMO PARTE DO PROGRAMA DE ARTE DA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Ensino e Aprendizagem na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a):

Aprovado em 7 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo principal a consolidação das visitas a museus e exposições artísticas no programa de Arte da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira. A concepção e o desenvolvimento das intervenções propostas para esse trabalho se fundamentaram na literatura sobre a Abordagem Triangular, sistematizada pela professora Ana Mae Barbosa e também no conceito de “capital cultural”, de Pierre Bourdieu. As ações foram realizadas junto a 82 estudantes de três turmas de oitavos anos do ensino fundamental. Para que a atividade se concretizasse, foram adotadas duas linhas de ação. A primeira delas consistiu em planejar uma visita a uma exposição onde os alunos pudessem apreciar presencialmente obras de arte originais. Como resultado dessa primeira atividade, os estudantes efetivamente foram a uma exibição de obras artísticas em um centro de exibição cultural da capital mineira. Durante a visita, os adolescentes observaram desenhos, pinturas e esculturas feitas por artistas profissionais. Posteriormente, em sala de aula, os alunos foram estimulados a apresentar as suas impressões acerca das imagens observadas na exposição, além de produzirem desenhos a partir daquilo que observaram durante a visita. A segunda intervenção realizada para esse trabalho consistiu na elaboração e aplicação de um questionário, com o objetivo de identificar o perfil socioeconômico dos estudantes e a frequência com que esses visitam museus. O delineamento desse perfil possibilitou melhorar a compreensão do papel da escola como mediadora entre a cultura dos alunos e a cultura encontrada no âmbito dos museus.

Palavras-chave: visitas a museus, apreciação artística, arte-educação.

ABSTRACT

This present work aims to consolidate the field trips to museums and Arts exhibitions in the Art's program of Monsenhor Artur de Oliveira School. The conception and the developing of the interventions proposed to this work have been grounded on the literature about the Triangular Approach, systematized by the teacher Ana Mae Barbosa and also on the concept of Cultural Capital by Pierre Bourdieu. The actions were carried out with three classes of 8th grade students. Two lines of action were taken to turn this in reality. The first of them consisted on planning a field trip to a exposition in which the students could appreciate original pieces of art. As a result of this first activity, the students effectively went to an artwork exhibition in a cultural center of Minas Gerais capital. While they were in the exhibition, the students could observe drawings, paintings and sculptures made by professional artists. Later, in the classroom, the students were stimulated to present their impressions on the images observed on the exhibition, besides to produce drawings inspired on what they viewed during on the exhibition. The second action performed for this work consisted in the development and application of an inquiry with the purpose of identify the student's socioeconomic profile and how often they go to the museums. The outline of this profile made it possible to comprehend the paper of the school as a mediator between the student's culture and the culture found on the museums.

Key words: field trips to museums, artistic appreciation, art education.

Sumário

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3. METODOLOGIA.....	22
3.1 Caracterização da Escola.....	24
3.2 Aplicação do Questionário.....	28
.....	28
3.3 Dados do Questionário.....	28
3.4 Visita à Exposição no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB).....	32
3.5 Descrição da Visita à Exposição.....	33
3.6 Desdobramentos em Sala de Aula Pós-Visita.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DE FREQUÊNCIA EM MUSEUS.....	50
APÊNDICE B – PROJETO DE VISITA AO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL	54

1. INTRODUÇÃO

A ideia para essa prática pedagógica surgiu da leitura de um artigo publicado na revista *Educatrix* da Editora Moderna. Segundo o site¹ da editora: “*Educatrix* é uma revista que propõe discutir práticas e tendências pedagógicas, podendo, assim, contribuir para a construção de uma educação de qualidade”.

A edição número 6 da revista, publicada no ano de 2014 trazia o artigo *Agenda cultural na escola: invenção e tradução de realidades*, escrita pelo professor Wilton Ormundo. Em seu texto o autor sustentava que a Arte e a cultura desempenham um importante papel no desenvolvimento humano, de forma que a escola deveria promover diversas manifestações culturais em seu calendário.

Entre as propostas de promoção cultural descritas no artigo estavam as conversas literárias, exposições, palestras, teatro e cinema na escola. O autor propunha também que a unidade escolar anunciasse as atividades culturais que acontecem na região onde os estudantes vivem, com sugestões de locais para ver obras de Arte, apresentações musicais e peças teatrais. Dessa forma, a instituição de ensino atuaria como uma divulgadora de eventos artísticos junto aos seus alunos.

Porém, a leitura do artigo também provocou a reflexão de que a escola pode ir além da recomendação de opções de entretenimento cultural para os estudantes. Nesse sentido, a instituição escolar pode assumir a tarefa de intermediar o contato dos seus alunos com as atividades culturais disponíveis na cidade por meio de visitas e passeios.

Essa constatação levou a ideia de consolidar as visitas a museus e exposições no currículo de Arte da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira. Utilizando os passeios a espaços de exibição de obras de Arte como uma ferramenta pedagógica, professores e estudantes podem interagir com produções artísticas originais aprofundando seu conhecimento de diferentes manifestações culturais, tais como, as artes visuais, música e teatro.

No caso da escola Monsenhor Artur, as visitas a ambientes educativos sempre fizeram parte da rotina escolar. Ao longo dos anos professores de diferentes áreas se empenharam em levar os alunos a locais como o Museu de Artes e Ofícios, o Museu de Morfologia, o Hemominas etc. Contudo, em função da diversidade de conhecimentos que integram o universo artístico, as aulas de Arte oferecem muitas oportunidades de aprendizado fora do ambiente da sala de aula. Tendo isso em

¹ <https://www.moderna.com.br/educatrix/>

vista, as visitas a espaços como museus e exposições artísticas podem ser uma estratégia de ensino enriquecedora para as atividades conduzidas junto aos estudantes.

Um dos embasamentos teóricos para o projeto de consolidação das visitas aos museus nas aulas de Arte se encontra na *Abordagem Triangular*. Essa proposta pedagógica foi elaborada e sistematizada a partir dos anos 80 pela professora Ana Mae Barbosa com o objetivo de fundamentar a Arte-Educação a partir de novos pressupostos metodológicos.

Partindo do uso de imagens como instrumentos pedagógicos, os professores são convidados pela autora a construir a sua prática de ensino a partir de três eixos fundamentais: o “fazer artístico”, a “contextualização” e a “leitura das obras de Arte”.

Segundo Ana Mae Barbosa, essa mudança de orientação em relação ao uso de imagens no ensino de arte ocorreu porque havia pouco destaque para a apreciação artística e para a história da Arte na Arte-educação brasileira. Nessa perspectiva, a autora observa que durante muito tempo, “As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, e no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças”. (BARBOSA, 1989).

No contexto da *Abordagem Triangular*, o uso de imagens como estímulo para a reflexão e a produção estética se fundamenta na ideia de que “[...] a leitura de imagem é construir uma metalinguagem da imagem. Isto não é falar sobre uma pintura, mas falar a pintura num outro discurso, às vezes silencioso, algumas vezes gráfico e verbal somente na sua visibilidade primária”. (BARBOSA, 1989).

Coerente com a visão expressa pela professora Ana Mae Barbosa, a flexibilidade da *Abordagem Triangular* permite que os estudantes elaborem o seu pensamento estético a partir percepção consciente e crítica dos estímulos imagéticos. Analisando os elementos visuais pertencentes ao universo artístico ou mesmo pertencentes ao mundo cotidiano, os estudantes podem entender como as imagens são construídas e como elas afetam a sensibilidade estética dos indivíduos.

Sob esse ponto de vista, as imagens podem ser usadas de diversas maneiras nas aulas de Arte. Os estudantes podem apreciar gravuras em livros didáticos, assistir vídeos ou então realizar passeios virtuais a museus por meio da internet. Todas essas formas de fruição de imagens são perfeitamente válidas. Contudo, esse

trabalho pretende privilegiar as visitas aos museus, uma vez que as visitas a esses espaços culturais permitem que os estudantes interajam diretamente com as obras de Arte originais.

Sob esse ponto de vista, na frequência de museus e galerias, o espectador pode estabelecer relações mais profundas e intensas com a obra de Arte. Essa avaliação decorre do fato de que, diante do objeto artístico, o observador pode "... ver proporções, texturas, formas e cores que são roubadas nas reproduções ou no ato de girar em torno da obra para captar toda a sua tridimensionalidade...". (GUERRA; MARTINS; PICOSQUE, 1998)

O outro fundamento teórico para esse trabalho se encontra nas ideias do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Embora em seus trabalhos Bourdieu tenha uma visão crítica da instituição escolar, o autor também argumenta que no campo da Arte, a formação escolar pode tornar a cultura erudita mais próxima dos estudantes originários de famílias carentes de recursos culturais.

Em seu livro *O Amor Pela Arte: museus de Arte na Europa e seu público*, escrito em parceria com o sociólogo Alain Darbel, Pierre Bourdieu sustenta que o hábito de frequentar museus depende do nível sociocultural dos indivíduos. Sob esse ponto de vista, pessoas com maior nível de instrução formal seriam mais propensas a visitar museus, enquanto aquelas de menor instrução estariam menos inclinadas a apreciar obras artísticas pertencentes ao campo erudito.

A partir dessa tese, também surgiu a ideia de investigar a realidade socioeconômica dos estudantes da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira. Por se tratar de uma escola pública, havia a suposição de que parte significativa dos estudantes viriam de famílias desprovidas de bens culturais e, portanto, distantes do universo cultural dos museus.

Para essa investigação fosse feita, foi aplicado um pequeno questionário com perguntas referentes a situação socioeconômica da família, que incluíam a situação de moradia, posse de computadores, celulares, hábitos de leitura etc. O questionário desenvolvido para esse trabalho pode ser encontrado no **APÊNDICE A – Questionário**.

Além dos dados obtidos por meio do questionário, também foram utilizadas algumas informações divulgadas no Panorama da Escola para traçar o perfil dos estudantes. O Panorama é um documento disponibilizado pela Secretaria Municipal

de Educação de Belo Horizonte que apresenta alguns índices socioeconômicos dos estudantes, tais como o número de beneficiários do Bolsa Família e o Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas (Inse) elaborado pelo Inep².

Em princípio, de forma coerente com a tese apresentada por Bourdieu, esboçar o perfil social dos alunos permitiria compreender a relação dos mesmos com os museus e a cultura encontrada nesses espaços. A partir desse dado, seria possível traçar estratégias para intensificar o contato dos estudantes com as exposições artísticas.

Por fim, com o objetivo prático de consolidar as visitas no programa de Arte da escola, foi feita uma visita a uma exibição de arte em um centro de exposições da cidade com as turmas do terceiro ciclo da escola. Para que a visita fosse realizada foi elaborado um projeto que poderá ser apreciado no **APÊNDICE B- Projeto**. Ao final dessa intervenção espera-se que as visitas às exposições se tornem uma prática pedagógica recorrente ao longo do ano nas aulas de Arte da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira.

O leitor poderá acompanhar o desenvolvimento desse projeto ao longo de quatro capítulos. A Abordagem Triangular e a utilização de imagens como um instrumento pedagógico será apresentada no *Referencial Teórico*. No mesmo capítulo serão expostos conceitos importantes do trabalho sociológico de Bourdieu, tais como *Capital Cultural* e a influência da origem familiar no costume de consumir produtos culturais eruditos.

A descrição da escola e seu entorno ocorrerá na metodologia. Essa descrição é importante porque ajudará a delinear o perfil socioeconômico dos estudantes da escola. Ainda na seção da Metodologia serão detalhadas a aplicação do questionário aos estudantes e os dados obtidos na investigação.

A metodologia será encerrada com a descrição do passeio e os desdobramentos em sala de aula da proposta prática desse projeto.

Finalmente serão apresentadas as considerações sobre como esse trabalho foi desenvolvido e suas consequências para as aulas de arte na escola Monsenhor Artur de Oliveira.

² Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização de imagens como um estímulo para a reflexão estética nas aulas de Arte começou a ganhar maior importância em tempos recentes na história da Arte-Educação brasileira. Segundo a professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa existia um certo preconceito em relação a apreciação de imagens na educação artística, uma vez que se imaginava que isso poderia interferir na criatividade dos estudantes. Como consequência, durante muito tempo o ensino da Arte foi sinônimo de espontaneísmo, isso é, uma atividade que visava apenas a descontração e o aprimoramento da criatividade. (BARBOSA, 2005)

Ainda segundo a autora, em função dessa percepção, o sistema educacional sequer exigia notas em Artes. (BARBOSA, 1989) Dessa forma, a Arte foi tolerada nos currículos escolares mesmo nos períodos mais autoritários da história brasileira. Quanto a isso, Ana Mae escreve que em 1971, no auge da ditadura militar, “[...], a Arte era aparentemente a única matéria que poderia mostrar alguma abertura em relação às humanidades e ao trabalho criativo, porque mesmo filosofia e história haviam sido eliminadas do currículo”. (BARBOSA, 1989)

Apesar dessa condescendência, Ana Mae Barbosa observa que ao longo da história, a desvalorização da Arte-Educação tornou sua prática descontextualizada e muitas vezes voltada para fins alheios à disciplina. Esse ponto de vista é apresentado pela autora por meio de um histórico do ensino da Arte no Brasil (BARBOSA, 2016).

Seu relato se inicia partir da criação da Academia Imperial de Belas Artes no início do século XIX. Em seu currículo a Academia Imperial priorizava a cópia de estampas e desenhos neoclássicos, considerados agradáveis ao gosto da classe dominante da época. Por sua vez, no início da república, o desenho de caráter técnico era ensinado como uma forma de preparar os jovens para o mundo do trabalho. As atividades para os estudantes incluíam principalmente a reprodução de imagens decorativas e a ampliação de figuras. Segundo a autora, também havia grande destaque para o desenho geométrico. O uso de compasso e esquadro era valorizado fundamentalmente por seu caráter matemático, coerente com o espírito racionalista dos republicanos brasileiros.

A partir da década de 20, o Modernismo trouxe um novo caráter para as discussões sobre o ensino da Arte. Sob a influência do filósofo norte-americano John

Dewey, o professor de desenho Nereu Sampaio, da Escola Normal do Rio de Janeiro, defendeu um ensino de Arte baseado na liberdade expressiva das crianças. Porém, com a instauração do Estado Novo por Getúlio Vargas, a Arte-Educação se instrumentalizou novamente. Segundo Ana Mae, houve um retorno ao ensino do desenho geométrico objetivando o desenvolvimento de habilidades úteis para a indústria.

Após o fim da ditadura getulista, o pêndulo da Arte-Educação voltou a valorizar a livre expressão artística dos estudantes. Nesse período, os professores buscavam principalmente criar oportunidades para que os educandos pudessem produzir Arte sem interferências externas. Essa tendência durou até o início da ditadura militar, quando mais uma vez o desenho geométrico e o treinamento de habilidades manuais passaram a prevalecer nas aulas de Arte. A isso se acrescentou também o colorido de símbolos nacionais e do canto de hinos. De acordo com a autora, essas idas e vindas da Arte-Educação contribuíram para reforçar o caráter secundário do ensino de Arte nas escolas brasileiras.

Diante dessa depreciação, no início dos anos de 1980, alguns autores buscaram reavaliar as práticas de ensino que orientavam as aulas de Arte nas escolas brasileiras. Segundo Ana Mae, “Os cursos de atualização ou treinamento, financiados pelo governo para professores de Arte de escolas públicas primárias e secundárias, começaram a acontecer após a ditadura militar. O programa pioneiro foi o Festival de Campos de Jordão em São Paulo, em 1983, o primeiro a conectar a análise da obra de Arte, da imagem com história da Arte e com trabalho prático.” (BARBOSA, 1989) Esse curso organizado por Cláudia Toni, Gláucia Amaral e Ana Mae Barbosa lançou as bases conceituais da sistematização metodológica que viria a ser conhecida como Abordagem Triangular.

A elaboração da Abordagem Triangular prosseguiu em 1987, durante um programa de Arte-Educação no Museu de Arte Contemporânea (MAC), que buscou combinar o trabalho prático com história da Arte e leitura de obras de Arte. Segundo a autora, a princípio, houve resistência por parte de muitos professores em relação ao uso de imagens no ensino de Arte, uma vez que esses entendiam que essa abordagem poderia limitar a livre expressão dos estudantes. Diante dessa resistência, Ana Mae Barbosa sustentou a tese de que a utilização de imagens em sala de aula não é um entrave para o aprendizado de Arte, uma vez que os próprios

artistas são influenciados pelas imagens produzidas por outros artistas no curso da sua produção artística.

Outro argumento utilizado pela autora é o de que a leitura de imagens prepara os educandos para a interpretação de fotos, ícones e figuras onipresentes no cotidiano das pessoas. A humanidade contemporânea vive em ambientes saturados de imagens, portanto, nessa perspectiva, a autora sustenta que os estudantes devem compreender o poder das essas exercem sobre a cognição humana.

A autora argumenta também que, como prática de ensino, a utilização de imagens no ensino de Arte não se limita ao trabalho mecânico de copiar e colorir modelos trazidos pelo professor. As imagens podem ser usadas como um estímulo para a inspiração e a criação de trabalhos próprios, assim como a leitura de grandes autores alimenta o vocabulário dos estudantes para a construção de textos.

Nessa perspectiva, considerando a reavaliação do uso das imagens nas aulas de Arte, a Abordagem Triangular, foi estruturada segundo três fundamentos: o “fazer artístico”, a “contextualização” e a “leitura da obra de Arte”. A autora complementa a sua definição argumentando que a abordagem triangular “não é baseada em disciplinas, mas em ações; fazer-ler-contextualizar”. (BARBOSA, 2016).

Ainda de acordo com Ana Mae Barbosa, essa metodologia está em contínua mudança, “[...] por ser uma perspectiva cuja gênese epistemológica se alicerça em seu caráter essencialmente contextual, para o desenvolvimento da identidade cultural, e da cognição/percepção”. (BARBOSA, 2016)

Em função da relevância que adquiriu, a Abordagem Triangular se tornou uma referência na Arte-Educação brasileira a ponto de ter influenciado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Nesse sentido, segundo a autora, “[...] a Proposta Triangular foi a agenda escondida da área de Arte”. (BARBOSA, 2010). Como resultado, termos como “Fazer Arte”, “Leitura da Obra” e “Contextualização” foram conhecidos, e nos PCN aparecem como “Produção”, “Apreciação” e “Reflexão”. Contudo, a autora observa que “Infelizmente os PCN não surtiram efeito e, em 2015, foram retirados do site do Ministério da Educação – não houve pesquisas que comprovassem sua eficácia”. (BARBOSA, 2016).

Apesar de se apresentar como uma metodologia de ensino, a Abordagem Triangular não pretende ser uma fórmula rígida a ser usada em sala de aula. “A metodologia utilizada para a leitura de uma obra de Arte varia; de acordo com o

conhecimento anterior esta pode ser estética, semiológica, iconológica, princípios da Gestalt, etc.” (BARBOSA, 1989). Nessa lógica, a proposta metodológica apresentada na Abordagem Triangular permite que o professor tenha liberdade de interpretar e compreender as imagens acompanhado de seus estudantes a partir de múltiplas referências teóricas.

Além disso, a Abordagem Triangular permite várias possibilidades de trabalho com a imagem em sala de aula. Tanto o professor quanto os alunos podem se valer de diferentes fontes de estímulo, materiais e técnicas visando o “fazer”, a “leitura” e a “contextualização”. Como exemplo do uso dessa metodologia, o professor pode solicitar que os estudantes utilizem argila para modelar figuras humanas. A partir da produção artística dos estudantes, o professor pode confrontar as figuras modeladas durante a aula com a obra de um artista, por exemplo, a obra do escultor barroco mineiro Antônio Francisco Lisboa. O Aleijadinho, como ficou conhecido, viveu em Minas Gerais durante o século XVIII e era filho de um arquiteto português e uma escrava. Seu trabalho alcançou grande destaque ainda durante a vida do artista. Suas obras escultóricas e arquitetônicas podem ser encontradas em cidades históricas como Ouro Preto, Sabará e Congonhas do Campo.

As esculturas feitas pelo Aleijadinho se caracterizam pela grande expressividade das linhas faciais e pela anatomia retorcida segundo a estética barroca. Comparado ao trabalho produzido por Aleijadinho, os estudantes podem perceber que as distorções e “erros anatômicos” das próprias produções também podem ser encontradas em obras de artistas conhecidos. No caso de Aleijadinho, as distorções anatômicas eram resultados tanto da atuação dos auxiliares que trabalhavam na oficina do mestre, como também por razões expressivas e estilísticas. Além disso, o conhecimento da conjuntura histórica e social que envolveu a produção artística do escultor mineiro permite que os alunos apreciem de forma mais ampla os valores estéticos encontradas em uma obra de arte.

Devido à flexibilidade da Abordagem Triangular, o mesmo professor poderia seguir uma ordem inversa para lidar com o mesmo tema em sala de aula. Ainda a partir do exemplo do Aleijadinho, uma imagem da obra do artista poderia ser apresentada e os estudantes poderiam modelar figuras reinterpretando aquilo que observaram. O paralelo entre o trabalho do escultor mineiro e a criação dos próprios

estudantes poderia gerar as mesmas discussões do exemplo anterior ou até mesmo novas reflexões.

Diante desse exemplo do uso de imagens em uma aula de arte, é possível concluir que a contextualização e a apreciação de imagens em sala de aula permitem produzir diferentes sentidos para a prática artística. Sob esse ponto de vista, a Abordagem Triangular substitui o ensino descontextualizado por um aprendizado elaborado da prática artística. Além disso, o estudo das imagens também favorece o desenvolvimento intelectual do estudante, uma vez que a aplicação de técnicas para produzir imagens exige um verdadeiro esforço criativo para resolver questões de criação pictórica. (LAMPERT e SILVA, 2010).

Por sua vez, uma ideia artística exige modos de expressão para se concretizar em um objeto real. Para tanto, o artista precisa usar seu intelecto para tornar real aquilo que está presente em seu espírito. Portanto, considerando tanto os aspectos criativos quanto técnicos do processo de criação artística, é possível afirmar que o conhecimento artístico exige um considerável exercício intelectual.

Nessa perspectiva, a professora Ana Mae Barbosa enfatiza o potencial educativo que o conhecimento artístico pode trazer aos estudantes. De acordo com a autora, a Arte-Educação é uma atividade indispensável para a educação de um país em desenvolvimento como o Brasil. Essa importância reside no fato de que “[...] a Arte não é enfeite. Arte é cognição, profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, Arte representa o melhor trabalho do ser humano”. (BARBOSA, 2005).

Por se tratar de uma disciplina que lida com aspectos tão relevantes do conhecimento humano e também em função de suas potencialidades educativas, a Arte merece um lugar destacado no currículo escolar. Tendo em vista o destaque da Arte como conhecimento, a professora Ana Mae Barbosa escreve que a “escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à Arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação”. (BARBOSA, 2005)

Apesar do reconhecimento do papel da escola no desenvolvimento intelectual e estético dos estudantes, alguns teóricos oferecem um olhar mais crítico à instituição escolar. O sociólogo francês Pierre Bourdieu sustenta que a principal função da escola tem sido o de reproduzir e legitimar as relações hierárquicas entre os diferentes grupos sociais. Como resultado, a ação da instituição escolar serviria

essencialmente para manter o status quo social. Além do reconhecimento por sua pesquisa sobre a sociologia da educação, o teórico francês também ganhou notoriedade por sua análise crítica da formação do gosto estético. (JAPIASSÚ, 2008).

Na perspectiva do senso comum, a escola é vista como uma instituição capaz de contribuir para a ascensão social e para a construção de uma sociedade mais igualitária. O acesso à educação permitiria que os indivíduos provenientes de distintos extratos sociais possam competir dentro do sistema educacional com possibilidades iguais de alcançar o sucesso acadêmico. Por esse ângulo, a escola seria “uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais”. (NOGUEIRA; NOGUEIRA. 2002)

No entanto, o discurso de progresso social a partir de oportunidades igualitárias esconderia uma realidade diferente. “A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitima os privilégios sociais”. (NOGUEIRA; NOGUEIRA. 2002)

Nessa perspectiva, segundo Catani e Nogueira (2002), as análises do sociólogo francês levaram à elaboração do conceito de “capital cultural” para explicar as diferentes trajetórias escolares de crianças vindas de classes sociais distintas. Para tanto, Bourdieu considerou os recursos culturais que cada grupo social dispõe para lidar com as demandas impostas pelo sistema de ensino. A sua conclusão foi a de que a posse de bens abstratos socialmente valorizados é determinante para o sucesso escolar do indivíduo.

Segundo Silva (1995), o “capital cultural indica acesso a conhecimento e informações ligadas a uma cultura específica; aquela que é considerada como a mais legítima ou superior pela sociedade como um todo”. Nesse sentido, o capital cultural se refere tanto aos conhecimentos assimilados e incorporados pelos indivíduos quanto aos objetos culturalmente significativos que eles possuem, tais como livros, revistas, jornais, quadros etc.

A acumulação do capital cultural, segundo Bourdieu, ocorreu de maneira análoga ao acúmulo do capital financeiro. Da mesma maneira que acumularam seu

patrimônio material, os mais ricos também trataram de acumular recursos intelectuais e culturais. Sob essa lógica, é possível verificar que o capital financeiro e o capital cultural quase sempre andam juntos, pois os recursos econômicos possibilitam a obtenção de uma educação mais qualificada, além de experiências culturais sofisticadas.

Nessa perspectiva, a noção de capital cultural é importante quando se reconhece que socialmente, existem culturas que são mais valorizadas que outras. Segundo Jaspiassu,

[...] a cultura praticamente se identifica com o *modo de vida* de uma população determinada, vale dizer, como todo o conjunto de regras e comportamentos pelos quais as instituições adquirem um significado para os agentes sociais e através dos quais se encarnam em condutas mais ou menos codificadas.

Dessa forma, o “modo de vida” dos grupos sociais mais poderosos se torna o padrão cultural hegemônico de uma sociedade. Contudo, tais padrões tornam-se dominantes não por seus valores intrínsecos, mas por se originarem das classes detentoras do poder.

Segundo Bourdieu, várias instituições participam do processo de naturalização dos valores dominantes, entre elas em particular, estaria a escola. Segundo essa lógica, os conhecimentos supostamente universais que a escola se encarrega de preservar e transmitir pertenceriam de fato aos grupos que estão no poder.

Nesse sentido, uma vez que a escola cumpre a função de validar a cultura de um determinado grupo, o sucesso ou o fracasso escolar também é influenciado pela origem social dos indivíduos. Segundo Bourdieu, tal fato ocorre em função dos conhecimentos que os alunos carregam consigo para o interior da sala de aula. Tal fato ocorre porque segundo o autor, as aptidões pessoais recebem enorme influência do meio social. A partir de seu desenvolvimento em um ambiente cultural específico, as pessoas assimilam comportamentos e atitudes próprios do seu grupo de origem. Como resultado, crianças vindas de porções sociais diferentes percorrem trajetórias educacionais desiguais, quase sempre desvantajosas para os mais pobres.

Isso se explica porque o domínio de conhecimentos socialmente valorizados proporciona vantagens para aqueles que puderam contar com um patrimônio cultural

rico. Como consequência, os beneficiários dessa herança cultural dominante encontram um ambiente escolar favorável aos valores do qual são portadores.

Ainda segundo essa tese, a origem social também importa porque é reproduzida dentro organização escolar. De acordo com o autor, ao servir como transmissora do sistema de valores e saberes associados com a elite, a escola favorece principalmente aqueles que foram educados segundo os valores hegemônicos.

O resultado dessa dinâmica promovida pelo sistema de ensino é que, para os filhos das classes mais ricas, a cultura apresentada no ambiente escolar seria uma extensão daquela que encontrada no seu lar. Por outro lado, para os mais pobres os conteúdos escolares seriam conhecimentos estranhos e distante da sua realidade. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002)

Nessa perspectiva, o fraco desempenho escolar de muitos dos estudantes mais pobres não pode ser considerado o resultado de inadequações pessoais. Na verdade, segundo Bourdieu, a gênese do fracasso se encontra nas engrenagens da própria instituição escolar.

O mecanismo do fracasso muitas vezes ultrapassa a avaliação dos conteúdos disciplinares e se transforma em um verdadeiro julgamento social. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002) Nesse sentido, o fraco desempenho daqueles alunos com pouco investimento educacional da família é atribuído ao desinteresse, à preguiça ou à simples incapacidade. Essa visão alimenta preconceitos arraigados como o de que os pobres não querem progredir socialmente porque não valorizam os estudos e o trabalho.

Por sua vez, o senso comum também considera o talento dos bons alunos uma característica pessoal independente. Um dom inato que deve ser recompensado e reconhecido. Não é levado em conta que os estudantes adentram o ambiente escolar munidos da cultura assimilada no seu círculo familiar. Nesse sentido, Cunha (2007) observa que “as classes cultivadas possuem, então, um ‘tesouro’ que é a experiência transmitida já na primeira infância pela família, por isso a ideia do dom ou da cultura como algo inato’.

Esse “tesouro” se manifesta também nas preferências estéticas e culturais reconhecidas como “superiores”. Nessa perspectiva, no livro *O amor pela Arte: Museus de Arte na Europa e seu público*, Bourdieu e Alain Darbel sustentam que a

fruição de bens culturais eruditos seria uma atividade associada às camadas sociais detentoras tanto do capital econômico quanto cultural.

No caso da pesquisa apresentada pelos autores em *O amor pela Arte*, a investigação revela que de fato os níveis de instrução mais elevados implicam uma maior frequência a museus. Segundo os autores, a relação entre a escolaridade e o gosto culto seria uma função do capital cultural, ou seja, os indivíduos detentores de uma escolaridade maior estariam mais inclinados a apreciar obras de Arte erudita. Essa tendência ao gosto culto ocorre porque a cultura das elites “[...] incluiria a cultura já institucionalmente aceita como erudita: os autores clássicos, a Arte exposta em museus, a música tocada em salas de concerto. A esse tipo de cultura só terão acesso indivíduos que desenvolveram um esquema de apreciação necessário para tal”. (BOURDIEU, 2007)

Para BOURDIEU (1976), a associação entre a cultura dos museus e o poder social decorre do fato de que a contemplação estética seria uma experiência reservada para poucos. Somente os indivíduos livres das simples necessidades cotidianas possuiriam recursos e tempo para se dedicar a alta cultura. Nesse sentido, o privilégio de poder visitar exposições de Arte, jantar em restaurantes exclusivos ou frequentar salas de concerto também seria uma maneira de afirmação de poder. Por meio da ostentação cultural, as elites socioeconômicas poderiam demarcar a sua superioridade em relação as demais classes.

A associação entre a cultura dos museus e a cultura das elites tem origem no próprio surgimento dessas instituições. Segundo Martins (2013), etimologicamente o termo “museu” significava “templo dedicado às nove musas”. Na cultura clássica da Antiguidade, as Musas eram deusas que se dedicavam a preservar os tesouros do conhecimento, da Arte e da cultura.

Martins escreve que a história dos museus se inicia a partir de tesouros acumulados pela nobreza e clero europeus. Tanto nobres quanto sacerdotes mantinham pinturas, esculturas, relíquias e objetos curiosos no interior dos seus palácios e igrejas. Com o tempo, essas coleções começaram a ser abertas ao olhar do público.

A partir do século XVII começaram a ocorrer algumas modificações na maneira de expor as coleções. “Se antes elas misturavam diversos tipos de objetos, nesse período, elas passaram a ser classificadas e organizadas segundo os

princípios científicos e técnicos que começavam a surgir, conforme as diferentes áreas do conhecimento”. (MARTINS, 2013). Contudo, somente a partir do século XVIII as exposições começaram a consolidar o seu caráter “público”. Nesse período surgiram grandes instituições públicas como o Museu do Louvre, na França, o Museu Britânico, na Inglaterra e o Museu Charleston, nos Estados Unidos.

Dessa forma, os museus se consolidaram como espaços cuja finalidade era a preservação e o estudo de exemplares da cultura científica e artística. Uma vez que se tratava de lugares identificados com valores associados às elites, os museus se tornaram espaços destinados a frequência de poucos, reforçando o sentimento de filiação a uma cultura considerada “superior”.

Por outro lado, a relação entre os museus e a cultura erudita impõem restrições de acesso ao público das classes populares. Nesse sentido, Bourdieu (1976) argumenta que a grande massa da população enxerga os exemplares da cultura refinada como uma manifestação alheia à sua realidade. Como consequência dessa estranheza, o autor conclui que os mais pobres costumam se mostrar pouco receptivos ao gosto considerado culto.

Apesar do caráter elitista evidenciado nos estudos de Bourdieu e Darbel, os museus contemporâneos vem se esforçando para apresentar um caráter mais inclusivo. Segundo Martins, os museus modernos contam com o serviço de educadores, que auxiliam visitantes dos mais diversos níveis de escolaridade na apreciação dos acervos em exposição. (MARTINS, 2013)

O papel educativo dos museus também encontra sustentação na definição dada pelo Conselho Internacional de Museus. Segundo o Conselho, um museu pode ser definido como “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e de seu meio ambiente com fins educacionais e de deleite”.

Além dos esforços dos museus para se aproximarem dos públicos das mais variadas origens sociais, a alienação decorrente da distância cultural que os mais pobres enfrentam diante do conhecimento erudito podem ser enfrentadas por meio da educação. Sob essa perspectiva, ainda que em certo sentido a instituição escolar seja apresentada sob um ângulo crítico, Bourdieu (2007) afirma que as desvantagens culturais dos estudantes mais pobres podem ser compensadas no

ambiente escolar. Nessa perspectiva, no que se refere a visitação a museus, o autor observa que mesmo na França, “as crianças originárias dos meios desfavorecidos não visitam museus a não ser por intermédio da Escola”.

Além disso, o autor observa também que o aprendizado e a intimidade com as formas culturais cultas geralmente se encontram distantes da vivência cotidiana dos estudantes mais pobres. Segundo Bourdieu, o conhecimento e o aprendizado da alta cultura encontrada no âmbito dos museus “... pressupõe um treino metódico, organizado por uma instituição especialmente preparada para tal fim”. (BOURDIEU, 2007) Em outras palavras, os garotos e as garotas que herdaram pouco capital cultural poderiam se familiarizar com os padrões eruditos através da educação escolar.

Ainda sob essa perspectiva, a reflexão de Bourdieu vem de encontro com a concepção de que “... a Arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber”. (GUERRA, MARTINS, PICOSQUE, 1998). Portanto, por se tratar de um conhecimento do qual todos são herdeiros, a escola é o local por excelência onde o indivíduo pode experimentar as novas formas de sensibilidade e ideias proporcionados pela Arte.

3. METODOLOGIA

O objetivo geral dessa prática pedagógica é a consolidação das visitas a exposições artísticas dentro do programa da disciplina de Arte da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira. Esse objetivo se fundamenta no pressuposto de que a escola pode intermediar o acesso dos estudantes a obras de Arte originais.

A interação dos estudantes com a produção artística não se resume a uma simples e pontual forma de entretenimento cultural, uma vez que também possibilita muitas reflexões e práticas posteriores em sala de aula.

A intermediação entre a Arte e a educação tem como fundamento a Metodologia Triangular proposta pela professora Ana Mae Barbosa. Como explicado anteriormente, de acordo com essa metodologia de ensino, a Arte-Educação também envolve a apreciação de obras de Arte por parte dos estudantes. Dessa forma, aliado a prática artística e a contextualização histórica, os alunos podem se aprofundar no conhecimento artístico.

A metodologia deste trabalho também se ampara na tese do sociólogo francês Pierre Bourdieu de que o hábito de frequentar exposições de Arte está associada

com o nível sociocultural dos indivíduos. Bourdieu também argumenta que a escola tem um papel a cumprir na tarefa de aproximar os estudantes de padrões estéticos com os quais não estão familiarizados. Para fazer isso a escola pode promover visitas que levem os alunos aos locais onde as obras de Arte se encontram.

A partir dessa hipótese foi elaborado um questionário para identificar a situação socioeconômica dos alunos da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira. O propósito dessa pesquisa foi investigar a frequência com que os estudantes visitavam exposições de Arte. Além disso, conhecer essa frequência permite compreender melhor a realidade dos alunos que serão o foco da intervenção proposta por este trabalho.

No entanto, é preciso reconhecer algumas limitações acerca dos resultados obtidos com o questionário. A primeira delas se refere a abrangência e a profundidade das perguntas. Os adolescentes podem ser bem fidedignos em suas respostas, contudo, perguntas muito detalhadas, tais como o valor do salário dos pais foram deixadas de lado.

A segunda limitação é a restrição do questionário. O grupo submetido a essa análise consistiu nas três turmas de oitavo ano da escola. A escolha desse grupo se deu por duas razões. A primeira delas foi a limitação de tempo e recursos para a aplicação do questionário a todos os estudantes da instituição escolar.

Em vista das exigências da rotina escolar, seria difícil submeter os 355 estudantes do horário matutino ao questionário de visita aos museus. Não haveria tempo para organizar os resultados e extrair informações significativas e consistentes a partir de um volume maior de estudantes. Portanto, optou-se por trabalhar com uma amostra menor de alunos.

Para que a visita ao CCBB se concretizasse foi preciso produzir um projeto que descrevesse e justificasse os objetivos e os procedimentos da atividade proposta. Esse procedimento é uma praxe rotineira na escola para a realização de visitas a exposições e passeios.

No entanto, a concretização do projeto esbarrou em algumas limitações. A primeira delas foi a impossibilidade de agendar uma excursão que contemplasse todos os estudantes da escola. Na verdade, o Centro Cultural do Banco do Brasil permitiu que a escola levasse apenas 20 estudantes. Essa barreira obrigou a

concentrar as ações do trabalho em apenas uma fração dos alunos, no caso, uma parcela reduzida das três turmas do oitavo ano.

Essas turmas foram escolhidas por terem uma maior quantidade de aulas de Arte do que as demais. Enquanto as turmas de sexto, sétimo e nono anos tem apenas uma aula de Arte por semana, as turmas de oitavo tem duas. Portanto, haveria maior tempo para preparar os estudantes para as práticas elaboradas para esse trabalho.

3.1 Caracterização da Escola

Com 66 anos completados no mês de abril de 2019 a Escola Monsenhor Artur de Oliveira está situada na região do Caiçara, bairro pertencente à Regional Noroeste da capital mineira. Tanto o Caiçara quanto os bairros vizinhos são áreas residenciais tradicionais cujo desenvolvimento ao longo dos anos foi influenciado pela construção de vias importantes para a cidade, tais como a Pedro II, o Anel Rodoviário e a Avenida Carlos Luz. A proximidade com a Pampulha ajudou a valorizar a região e atualmente o bairro apresenta uma boa infraestrutura urbana com casas, prédios, comércio diversificado, escolas, e um shopping center.



Figura 1: imagem externa da escola municipal Monsenhor Artur de Oliveira 1: imagem externa da escola municipal Monsenhor Artur de Oliveira

Inicialmente a caracterização da escola será feita a partir da apresentação de alguns dados disponibilizadas pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte através do Panorama da escola O Panorama é um documento produzido pela Gerência de Avaliação onde são apresentadas as principais informações acerca da escola, tais como o perfil dos alunos, quantidade de professores, infraestrutura da instituição,

programas ofertados e os resultados de avaliações externas como o Proalfa³, PROEB⁴ e PROVA BRASIL⁵.

Segundo o Panorama da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira divulgado em fevereiro de 2019, a escola atende os três ciclos da educação fundamental, além da EJA no período noturno. No ano de 2018 havia 796 estudantes matriculados na escola. Em relação à distribuição de estudantes matriculados por turno, haviam 377 estudantes matriculados no turno matutino, 300 no turno vespertino e 119 estudantes matriculados no período noturno. Quanto a divisão por sexo, do total de 796 estudantes, 395 eram do sexo masculino e 401 do sexo feminino.

Quanto a número de profissionais atuando na instituição, havia 60 Professores de Ensino Fundamental na Escola Monsenhor Artur de Oliveira, 45 profissionais terceirizados e 6 profissionais sem uma classificação específica.

O Panorama também divulga alguns indicadores sociais relevantes. O primeiro deles se refere aos estudantes beneficiários do Programa Bolsa Família⁶. No universo da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira, 43 estudantes eram beneficiários do Programa, perfazendo 5,3% do total de alunos matriculados.

Em relação à composição étnica do público atendido pela escola, o Panorama informa que em 2018 havia 59 estudantes da cor Preta, 370 Pardos, 353 Brancos, 3 Indígenas, 2 Amarelos e 9 não declarados.

Outro dado importante apresentado pelo documento é o Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas (Inse). Esse indicador traz dados resumidos das condições socioeconômicas familiares dos alunos das escolas brasileiras de ensino fundamental e médio. Segundo nota técnica disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)⁷, os dados utilizados

³ O Programa de Avaliação da Alfabetização (Proalfa) é realizado pelo Governo do estado de Minas Gerais e tem por objetivo identificar os níveis de aprendizagem em leitura e escrita dos alunos.

⁴ O PROEB é uma avaliação que busca diagnosticar a educação pública do estado de Minas Gerais e tem como objetivo fornecer referências que auxiliem estado e prefeituras a tomarem decisões relativas à condução das políticas educacionais.

⁵ O Prova Brasil são avaliações em larga escala aplicados em estudantes do quinto e nono anos do ensino fundamental. Segundo o site do MEC, o objetivo da Prova Brasil é “avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos.”

⁶ Segundo informação disponibilizada no site do Ministério da Cidadania – Secretaria Especial do Desenvolvimento Social, o Bolsa Família é um programa criado em outubro de 2003 com o objetivo de enfrentar a pobreza e as desigualdades sociais no Brasil. Ainda segundo o informativo do Ministério da Cidadania, as ações do Bolsa Família se dão por meio de três eixos: complemento de renda, acesso a direitos e articulação com outras ações.

⁷ <http://portal.inep.gov.br/web/guest/inicio>

para a elaboração do Inse foram as respostas dadas pelos estudantes aos questionários contextuais que acompanham as provas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). São apresentadas questões sobre a renda familiar, a posse de bens domésticos e a utilização de serviços, além do nível de escolaridade dos responsáveis, dessa forma, é possível indicar de forma breve o posicionamento social dos estudantes.

Os valores do Inse variam em uma escala que vai de 1 a 7 e a situação socioeconômica dos alunos se eleva de acordo com a elevação do nível no qual ele se encontra. Na escala apresentada pelo Panorama, a Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira se encontra no grupo 5. De forma geral, o nível 5 sinaliza que o estudante e seus familiares moram em uma casa com ao menos dois quartos, banheiro, sala e cozinha além de possuírem bens como televisão, geladeira, computador e carro. A renda mensal das famílias que se enquadram nessa categoria é de cinco a sete salários mínimos e os pais ou responsáveis possuem o ensino médio completo.

Além de funcionar como uma instituição de educação fundamental, o Monsenhor Artur também abriga programas como a Escola Integrada⁸ (EI), o Atendimento Educacional Especializado⁹(AEE) e o Programa Escola Aberta¹⁰.

A construção que abriga o Monsenhor Artur sofreu diversas alterações ao longo da sua existência. Algumas das reformas mais significativas ocorreram nos últimos 8 anos, tais como a construção da quadra, a construção de algumas salas novas para atendimento do Programa de Atendimento Educacional Especializado, Escola Integrada além da reestruturação do pátio.

Mesmo com essas ampliações o prédio em si continua pequeno. São dois andares que formam um “U” em torno do pátio. Os estudantes e funcionários precisam subir um curto lance de escadas assim que passam pelo portão. Ao lado da escada de acesso também funciona o elevador que é utilizado pelos cadeirantes matriculados na escola.

⁸ O Portal da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte informa que o Programa Escola Integrada está presente em todas as escolas da rede municipal. As atividades da Escola Integrada são ofertadas aos estudantes no período do contraturno escolar e envolvem atividades culturais e de acompanhamento escolar.

⁹ O Programa de Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um programa do MEC e executado pela PBH que atende estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades matriculados no ensino regular. Esse atendimento é realizado por profissionais da rede de ensino municipal em salas de recursos multifuncionais.

¹⁰ De acordo com o Portal da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o Programa Escola Aberta funciona com a abertura das escolas nos fins de semana e a noite visando potencializar a parceria entre a instituição escolar e a comunidade por meio de atividades esportivas e culturais.



Figura2. Pátio da escola

Uma escada conduz o visitante ao segundo andar, onde estão se concentram as salas de aula da escola. Como durante muito tempo o Monsenhor Artur atendeu somente crianças do primeiro e segundo ciclos, as salas são relativamente pequenas.

Na parte posterior do prédio se encontra a quadra coberta, finalizada no ano de 2014. Para chegarem até lá os alunos precisam subir um lance de escadas. É na quadra onde ocorrem a maioria das festas e eventos da instituição, pois a escola não tem um auditório. Nesse anexo da quadra ainda existem mais quatro salas pequenas, que são usadas pela Escola Integrada ou como salas para aulas de reforço no turno vespertino.

Devido à falta de garagem, sempre existe uma concentração de veículos parados em frente à escola. Diversos escolares e carros estacionam em frente ao portão nos momentos de entrada e saída dos estudantes. Durante esses momentos os alunos dividem a calçada com os pais que aguardam os filhos do lado de fora do portão. Jovens de outras escolas do entorno também são uma presença frequente durante a saída.

3.2 Aplicação do Questionário

O questionário desenvolvido para essa prática pedagógica tem o objetivo de conhecer o perfil sociocultural dos estudantes da escola, verificando, também, o uso que eles fazem dos museus presentes na cidade. Em princípio, conhecer o perfil sociocultural dos alunos permitiria entender melhor a realidade do público-alvo deste trabalho.

Os estudantes responderam a um questionário com 19 questões em que foram feitas perguntas acerca da moradia, dos familiares e de alguns hábitos culturais, tais como o costume de ler, ir ao cinema etc.

O questionário foi aplicado no dia 28 de maio de 2019 em três turmas sucessivamente. Essa atividade foi realizada em aproximadamente quarenta minutos por sala. Todos os estudantes foram convidados a se identificarem em um cabeçalho da própria folha de perguntas. A aplicação consistiu na leitura por parte do aplicador de questão por questão junto aos estudantes. A leitura era seguida de uma explicação breve e um pequeno tempo para que os alunos pudessem responder.

Ao final da aplicação os questionários foram recolhidos e tabulados.

3.3 Dados do Questionário

A pesquisa realizada com os estudantes das três turmas de oitavos anos da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira apontou que 62,2% dos adolescentes possuem a idade de 13 anos, 37,8% dos pesquisados tem 14 anos de idade. Do total de adolescentes pesquisados, 3 declararam ter 15 anos ou mais. Esses números revelam que a maioria dos estudantes se encontra na faixa etária esperada para o oitavo ano do terceiro ciclo.

Em relação a moradia, 40,2% dos alunos que responderam que moram no Caiçara, bairro onde a escola se localiza. Os outros 59,8% dos estudantes responderam que residem em bairros adjacentes à instituição escolar, tais como o Santo André, Monsenhor Messias, Carlos Prates e Bonfim. Apenas 1 dos adolescentes respondeu que vive em um bairro mais distante da escola, no caso, o bairro Castelo.

Ainda no que diz respeito à moradia, 65,9% dos estudantes afirmaram que residem em casa própria e 29,3% disseram que moram em uma casa alugada. Dos

82 participantes da pesquisa, dois disseram viver na casa de parentes e outros 2 marcaram a opção “outros” sem especificar onde vivem.

O fato de muitos declararem viver em casa própria também pode ajudar a conhecer a classe social dos estudantes dessa escola. Possuir imóvel próprio ou mesmo poder pagar aluguel em propriedades localizadas no entorno do bairro Caiçara aponta que seus moradores pertencem a classe social associada à região. Não há relatos de alunos abrigados ou em alguma outra situação domiciliar precária.

Apenas dois estudantes declararam viver em um bairro considerado de baixa renda. A localidade onde vivem esses estudantes é a Vila Sumaré, situado próximo às margens do Anel Rodoviário na Regional Noroeste da capital mineira.

Em relação ao deslocamento para a escola, 42,7% dos estudantes disseram vir de carro com algum dos responsáveis. O escolar é o meio de transporte adotado por 18,3% dos alunos enquanto 4,1% relataram utilizar o transporte público. Outros 20,4% responderam que vem para a escola a pé. Desse total apenas 3 estudantes disseram vir de carona com algum outro adulto e outros 4 marcaram a opção “outros”. Desses últimos, somente um estudante especificou vir de bicicleta.

O fato de muitos irem para a escola de carro ou de escolar também ajuda a construir uma imagem do grupo de estudantes pesquisado. A movimentação de veículos e escolares na porta da escola nos momentos de entrada e saída das aulas sinaliza que a escola atende a um público que possui bens associados com os segmentos médios da sociedade.

Na questão referente aos moradores da casa, 3 adolescentes declararam viver com apenas um dos responsáveis. Desses três, dois declararam morar com a mãe e outro escreveu que vive com o pai e 30,5% responderam que moram com outros dois parentes, 42,7% disseram viver com outros 3 parentes e 23,2% declararam viver com 4 ou mais pessoas na residência.

Convidados a responder por escrito quais eram os parentes com quem viviam, 45,9% dos adolescentes declararam que vivem com o pai, a mãe e os irmãos. O restante, 54,1%, responderam que vivem com apenas um dos pais e irmãos. Do total de alunos pesquisados, 2 responderam que vivem com parentes que não fossem um dos genitores e apenas um dos adolescentes não especificou com quem vive.

Os estudantes também foram solicitados a escrever qual é a profissão dos pais ou responsáveis. Surgiram respostas variadas como barman, radialista até advogado. Muitos pais trabalham no comércio ou são donos de pequenos negócios. Entre os primeiros, 12 são comerciantes enquanto outros 5 são donos de pequenos negócios como bares e padarias.

Alguns trabalham na prestação de serviços, entre esses estão 2 cabeleireiras e 1 manicure, 2 profissionais de telemarketing, 2 cozinheiras, 1 costureira, 1 promotora de eventos, 1 recepcionista, 1 eletricista, 1 pintor, 1 barman e 1 radialista. Pelo menos 3 estudantes definiram os pais como autônomos sem entrar em detalhes sobre o tipo de trabalho que executam, enquanto 5 dos pesquisados escreveram que os pais eram funcionários públicos. Nesse caso não havia especificações sobre qual exatamente era a atividade realizada no serviço público.

Algumas das mulheres trabalham como faxineiras, sendo 10 no total, mas há também professoras e outras profissionais escolares, contabilizando 6 e 8 respectivamente. Outras 2 profissionais são técnicas em enfermagem e outras 2 foram descritas como cuidadoras de idosos.

Entre os homens, 7 são motoristas, 3 trabalham como entregadores, 1 como cobrador de ônibus e 5 trabalham na área de segurança. Ao menos 1 dos pais trabalha como guarda-civil municipal. O trabalho de técnico também foi mencionado por 8 estudantes, sendo que desses 2 eram técnicos em segurança do trabalho e 2 eram técnicos em manutenção de ar-condicionado. Foram contados também 2 operários de fábrica e 2 pedreiros.

Entre os chamados “profissionais liberais”, podem ser contados 3 engenheiros, 2 advogadas, 2 administradores, 1 contador e 1 psicólogo.

Foram citados dois casos onde a mãe está desempregada. Dentre os pesquisados, 4 alunos não sabiam dizer qual era a profissão dos pais ou responsáveis.

O espectro de profissões citadas pelos estudantes é variado. Em muitas famílias tanto o pai como a mãe trabalham. Existem muitos pais trabalhando no setor do comércio e da prestação de serviços. No entanto, não há como determinar com precisão a média salarial dos pais, uma vez que o questionário não possuía questão referente a renda. Porém, a partir do relato dos adolescentes é possível

depreender que os rendimentos familiares são condizentes com a renda das famílias de classe média.

As respostas no âmbito das tecnologias da informação também parecem confirmar o perfil socioeconômico dos estudantes da escola. Nesse sentido, 92,7% dos alunos disseram que possuem internet na residência e dentre esses 84,1% informaram ter computador em casa.

Em relação ao telefone celular, o número de adolescentes que afirmou possuir um aparelho próprio foi de 92,7%. O dia a dia escolar parece confirmar esses números. Muitos dos estudantes circulam pelo estabelecimento de ensino portando um telefone celular.

Ainda no que diz respeito a posse de celulares, seria interessante comparar as respostas dos estudantes com a de estudantes de outras escolas municipais. Talvez, uma comparação com estudantes de outras instituições de ensino permitiria precisar melhor a realidade social dos alunos do Monsenhor Artur de Oliveira.

Quanto a alguns hábitos culturais, 27,8% dos estudantes afirmaram que vão ao cinema com frequência e 54,9% disseram que vão às vezes. Dos 82 estudantes pesquisados, 6 declararam não ir ao cinema.

No que se refere ao hábito de leitura, 25,6% afirmaram que leem livros frequentemente e 29,3% declararam ler de vez em quando, enquanto 32,9% disseram que não leem.

Dos adolescentes que se submeteram a pesquisa, 86,6% relataram já ter ido a um museu. Desses, 69% declararam ter ido ao museu junto com a escola. Esse último número revela a presença da instituição escolar na experiência dos estudantes com os museus.

Uma vez que a Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira busca promover passeios a locais culturalmente significativos da região metropolitana, muitos dos seus estudantes tiveram a oportunidade de sair em excursão para algum museu da capital, seja por meio de passeios promovidos pelo ensino regular ou pelo Programa Escola Integrada.

Dos 82 adolescentes que responderam ao questionário, 46 afirmaram ter ido a um museu também com os responsáveis ou algum outro familiar. A cifra de 56,1% sugere que muitas das famílias do Monsenhor Artur de Oliveira participam da formação cultural dos seus filhos.

Daqueles que já foram a um museu, 95,8% afirmaram ter gostado da experiência e 87,3% consideraram ter aprendido algo com a visita. Desse montante, 94,4% disseram que gostariam de fazer uma nova visita a algum museu.

3.4 Visita à Exposição no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB)

O objetivo de consolidar as visitas a exposições artísticas no programa da disciplina de Arte da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira precisava ser concretizada em alguma medida para que essa Análise Crítica da Prática Pedagógica não repousasse apenas no campo das intenções. Para tanto, seria necessário planejar uma excursão significativa que demarcasse uma nova fase para as aulas de Arte da escola.

Uma pesquisa pela programação cultural em alguns jornais revelou que o Centro Cultural do Banco do Brasil havia anunciado a exposição *DreamWorks Animation: A Exposição – Uma Jornada do Esboço à Tela*, com a exibição dos trabalhos dos animadores do estúdio norte-americano responsável por filmes como Shrek, Como Treinar seu Dragão e Kung Fu Panda.

O Centro Cultural do Banco do Brasil está situado na Praça da Liberdade, Regional Centro-sul da capital mineira. De acordo com informações disponibilizadas pelo [site da própria instituição](#), trata-se de um edifício histórico que já foi sede da Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais, Secretaria da Defesa Social e da Procuradoria-Geral do Estado.

O prédio passou por uma restauração e foi reinaugurado no ano de 2013. Atualmente, as atividades ofertadas pelo CCBB são fruto de uma parceria entre o Banco do Brasil e o Governo do Estado de Minas Gerais e integra o Circuito Liberdade da Praça da Liberdade. O Circuito é fruto de um projeto do governo do estado, que modificou “[...] o uso dos edifícios remanescentes de antigas secretarias e órgãos públicos que, pelo seu crescimento e diversificação estão se deslocando para outros pontos da cidade”. (Castro, 2006, p.168).

Embora não se tratasse de um evento que apresentasse obras da Arte erudita, mas da cultura pop contemporânea, havia excelentes motivos para levar os estudantes para a exposição dos artistas da Dreamworks.

Inicialmente, a exposição se mostrou atraente por trazer temas com os quais os garotos e as garotas do Monsenhor Artur poderiam se identificar. Muitas das

animações produzidos pelo estúdio DreamWorks foram sucesso no Brasil e tinham grande apelo entre os adolescentes.

Além disso, os estudantes poderiam apreciar imagens produzidas por profissionais que trabalham em um estúdio mundialmente reconhecido. Esse fato já seria uma garantia da alta qualidade das obras que estariam em exibição.

Outra razão para visitar a exposição era oportunidade de sair do mundo cotidiano para exercitar a faculdade da contemplação estética. Nesse sentido, a fruição dos trabalhos artísticos seria realizada em um ambiente destinado para esse fim, o que por si só já seria uma experiência relevante.

Por fim, os garotos e as garotas também poderiam conhecer algo sobre o processo criativo envolvido na produção artística. Os estudantes poderiam descobrir as técnicas, materiais e o esforço que o trabalho artístico envolve.

Para que a visita ao CCBB se tornasse realidade foi preciso seguir a prática já estabelecida que envolve as visitas a exposições na Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira. Foi elaborado um projeto para justificar a relevância pedagógica da atividade com os estudantes. E, foi preciso também, agendar a atividade com o Centro de exposições, assim como providenciar o transporte para o dia marcado.

Por fim, e o mais importante, era preciso dar ciência aos adolescentes sobre a visita a exposição e prepará-los para o passeio.

3.5 Descrição da Visita à Exposição

O planejamento inicial da excursão ao CCBB incluía com a presença dos 95 alunos das três turmas de oitavos anos da Escola Monsenhor Artur de Oliveira. Contudo, para a surpresa dos idealizadores do projeto, a exposição *“Uma Jornada do Esboço à Tela”* se mostrou extremamente concorrida.

Devido à grande demanda, os organizadores do evento informaram que a visita do Monsenhor Artur seria limitada a apenas 20 estudantes. Muitos dos adolescentes se queixaram diante dessa imposição. Diante dessa situação, foi preciso buscar uma alternativa justa para não gerar muito desconforto entre os adolescentes.

O passeio foi agendado para as 10 horas do dia 03 de junho de 2019. Mas antes, porém, foi preciso cumprir um pequeno protocolo de confirmação junto ao CCBB. Contudo, a maior dificuldade para a realização do projeto ainda estava por

vir. Devido a limitação de visitantes que poderiam ser levados, a saída encontrada foi a realização de um sorteio entre os alunos das três turmas envolvidas no projeto.

O sorteio foi realizado no dia 28 de maio de 2019 junto as três turmas que foram objeto dessa prática pedagógica. O sorteio ocorreu separadamente com cada uma das turmas. Foram sorteados 7 estudantes da turma 19, 7 da turma 20 e outros 6 da turma 25. Houve alguns protestos enquanto os nomes eram sorteados, mas nada que indispuesse as turmas com o professor.

O processo de sorteio dos garotos e garotas seguiu uma dinâmica simples. Todos os adolescentes escreveram o nome completo em um pequeno pedaço de papel que foi colocado em um saco plástico. O estudante sorteado tinha o nome escrito no quadro e sorteava o próximo colega até o fechamento da lista. Essa dinâmica levou aproximadamente 15 minutos e os jovens vibravam a medida em que cada nome era retirado do saco plástico. Ao final do dia, a lista com os nomes dos sorteados estava completa e foi enviada por e-mail para a equipe do museu.

Em relação a etapa preparatória do projeto faltava apenas contratar o serviço de transporte, o que foi feito pela direção sem maiores problemas. A essa altura faltavam poucos dias para a visita.

Antes do passeio, os estudantes tiveram uma aula onde foram discutidos os principais temas relacionados com a exposição. Os adolescentes puderam conhecer um pouco mais sobre o estúdio Dreamworks e os seus principais filmes, além de receberem estímulos para irem ao CCBB também com os familiares, uma vez que apenas poucos alunos participariam da visita com a escola.

O dia 6 chegou rápido e os estudantes estavam bastante entusiasmados com o passeio. Essa animação não era surpreendente, uma vez que sempre que podem, os garotos agarram a oportunidade de escapar do modelo formatado de classe escolar como se fosse um prêmio. Muitas vezes o cotidiano da escola oculta o fato de que existe educação fora da sala de aula.

Como de hábito nas visitas promovidas pela escola, os estudantes lancharam na cantina e aguardaram o momento de entrar no ônibus. Nessa hora foram feitos os combinados e as recomendações para que a excursão ocorresse sem problemas. No geral esses momentos são tranquilos e os estudantes se apresentam sempre receptivos e atentos às orientações transmitidas pelos professores.

O deslocamento até o Centro Cultural do Banco do Brasil foi bastante tranquilo. Como haviam poucos estudantes, apenas um professor foi o suficiente para acompanhar o grupo. A maioria dos adolescentes se concentraram no fundo do ônibus, com algumas duplas se sentando mais à frente. As brincadeiras marcavam o ritmo do deslocamento e apesar do tom jocoso, as “zoações” ocorriam dentro de um limite amigável.

É importante ressaltar que a maioria daqueles meninos e meninas já se conheciam desde o primeiro ano, o que talvez tenha contribuído para que o clima de respeito se mantivesse. Vale destacar também que as atividades em espaços diferentes geram alguns subprodutos importantes para o ambiente escolar. O primeiro é o fortalecimento da relação de camaradagem entre os próprios estudantes. Esse companheirismo é importante para que as relações se estabeleçam baseadas em maior empatia e tolerância.

Isso vale para a relação dos alunos com os professores. O funcionamento da escola depende de que todos desempenhem um papel determinado. Muitas vezes esses papéis se cristalizam de uma maneira tal que a dinâmica da sala de aula ocorre de forma rígida e automatizada.

A interação entre professor e aluno fora do cenário da escola se apresenta como uma oportunidade para o estreitamento de vínculos. É também um momento no qual os indivíduos podem apresentar aspectos do próprio comportamento que normalmente não aparecem no dia a dia.

Por fim, as visitas a exposições podem gerar a sensação de pertencimento ao próprio estabelecimento de ensino. Momentos positivos compartilhados durante atividades extraclasse podem dar uma sensação de ligação com o coletivo escolar.

O ônibus chegou com cerca de 20 minutos de antecedência. Esse tempo extra foi aproveitado com um pequeno passeio pela Praça da Liberdade. A manhã iluminada e o clima ameno contribuíram para que o passeio pela praça se tornasse ainda mais agradável. Naquele instante, os garotos e garotas estavam plenamente integrados a um dos principais cartões-postais da Capital.

Conforme o combinado, às 10 horas estavam todos na porta do CCBB, onde o grupo foi recebido por um Arte-educador. Todos se assentaram no chão para uma breve conversa de acolhimento. Em seguida o grupo foi guiado até uma cabine de projeção onde puderam assistir a um filme que simulava um passeio nas costas do

dragão do filme *Como Treinar o Seu Dragão*. Graças à tecnologia, a experiência de imersão na tela foi quase total. Em alguns momentos era possível sentir fisicamente o voo nas costas do dragão computadorizado pelos cenários da animação.



Figura 3: dragão “Banguela” da animação *Como Treinar o Seu Dragão* (2010).

A excursão seguiu pelas salas e corredores do Centro Cultural onde a exposição se encontrava montada. Havia réplicas em tamanho natural dos personagens dos desenhos animados, esculturas e vários desenhos e pinturas nas paredes. O Arte-educador fez vários comentários sobre as diferentes técnicas de animação usadas pela *DreamWorks*, a construção dos personagens o processo criativo utilizado pela equipe de artistas do estúdio. Os estudantes escutavam e se aproximavam das peças expostas para observar com maior cuidado. Chamou atenção a qualidade dos trabalhos em exibição. Os desenhos e os modelos de resina utilizados pelos animadores eram muito detalhados.



Figura 4: Personagem “Po” da animação *Kung Fu Panda* (2008).

Nas galerias do centro cultural os adolescentes também puderam observar vários esboços e trabalhos prontos feitos em diversas técnicas pela equipe criativa da Dreamworks. Os desenhos e pinturas estavam emoldurados de forma simples e direta e a iluminação do espaço colaborava para a criação de um clima vibrante como as próprias animações do estúdio.

As imagens mostravam os personagens em diferentes estágios, tais como os esboços em que o herói ou a heroína estão sendo concebidos, até estudos de posições, cores e vestimentas. Os estudantes observavam tudo com atenção e curiosidade diante dos detalhes e dos materiais utilizados na confecção das imagens.

A quantidade de obras expostas era muito grande e seria necessário mais do que as duas horas que o grupo dispunha para permanecer na exposição. Contudo, a presença do arte-educador contribuiu para que os adolescentes não se dispersassem e o passeio fluísse de forma dinâmica e proveitosa.

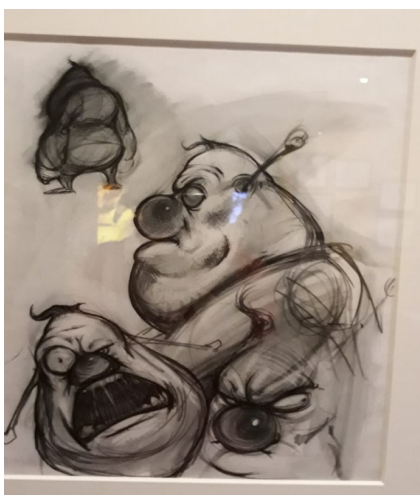


Figura 5: Esboço preparatório para o personagem “Shrek” da animação de mesmo nome (2001)

Em um determinado momento o Arte-educador começou a falar sobre a importância da *jornada do herói* na idealização dos filmes. Esse conceito foi desenvolvido pelo mitólogo norte-americano Joseph Campbell a partir de seus estudos de mitos produzidos por diferentes povos ao longo da história. Campbell observou que muitas narrativas mitológicas seguem uma estrutura básica em que o herói leva uma vida comum até que as circunstâncias o empurram para uma

aventura. Inicialmente o herói se mostra relutante até que se depara com um mentor que o leva ao primeiro desafio. Quase sempre a jornada do herói se estrutura em três etapas: a ascensão, a queda e a redenção, onde o herói alcança a sua recompensa final e é reconhecido pelos seus atos. Segundo o educador, todos os desenhos da DreamWorks seguem esse roteiro básico.



Figura 6: personagem "Po" na animação "Kung Fu Panda"

Após essa explicação, os estudantes participaram de uma oficina de teatro de sombras, em que puderam demonstrar aquilo que descobriram no passeio. Foi interessante notar que em um contexto diferente como aquele, os adolescentes se mostravam muito mais dispostos a participar do que no cotidiano escolar. Ao intervir com perguntas e observações o estudante revela algo de si. Muitas vezes as paredes da sala de aula podem sufocar o desejo de se expressar. O museu, por outro lado, pode ser um espaço onde o aluno se liberta das próprias inibições para mostrar o que entende, pensa e sente.

Ao fim do passeio, todos voltaram para o ônibus, que aguardava para voltar para a escola. A animação do retorno era a mesma da ida e não houve muitos comentários sobre aquilo que foi visto na exposição. O ônibus chegou quase quinze minutos depois do horário de saída da escola e alguns pais esperavam em frente ao portão. Alguns dos adolescentes agradeceram o passeio e a excursão havia chegado ao fim. Restava conhecer as impressões que os desenhos e esculturas expostas nos corredores do CCBB produziu naqueles 20 garotos e garotas.

3.6 Desdobramentos em Sala de Aula Pós-Visita

No dia seguinte, durante a aula, os estudantes foram convidados a relatar suas impressões sobre a excursão. Esse compartilhamento das experiências com as imagens vistas durante a exposição era esperado, uma vez que a atividade não foi planejada para ser um passeio sem consequências para os alunos. Além disso, partindo do fundamento da Abordagem Triangular, a utilização de imagens como estímulo para a reflexão e a produção artística pressupunha que o tema fosse abordado no coletivo da sala.

Contudo, é necessário dizer que a troca das experiências e as produções individuais foi muito limitada, haja visto que um número muito limitado de adolescentes pôde participar da excursão. Frente a uma situação como essa, o professor poderia improvisar e utilizar por exemplo, um equipamento de datashow para exibir algumas das imagens que estavam em exposição. Nesse cenário, as gravuras poderiam ilustrar a fala daqueles estudantes que foram ao evento, além de servir como um estímulo para que aqueles que não foram à exposição se sentissem provocados a ir.

A atividade com os alunos seguiu uma dinâmica semelhante nas três turmas de oitavo ano que participaram da excursão ao Centro Cultural do Banco do Brasil. O relato que se segue é um resumo do que foi realizado com os três grupos.

Na sala 19, pelo horário, a primeira das turmas a ter aula de Arte no dia seguinte a excursão, muitos dos alunos argumentaram que não haviam ido à exposição e portanto, não poderiam comentar aquilo que haviam visto. Contudo, um dos estudantes, um garoto de 13 anos que frequentemente é apontado como destaque da turma nos conselhos de classe, declarou que havia visitado a exposição com a família no domingo anterior.

Devido a número reduzido de estudantes que efetivamente havia ido à exposição “Uma Jornada do Esboço à Tela” no CCBB, as experiências diante das obras dos ilustradores do Estúdio Dreamworks seriam limitadas. Essa limitação acabou sendo um pretexto para recomendar aos outros estudantes que fossem ver os trabalhos expostos em um outro dia. A exposição era gratuita e eles poderiam ir com os responsáveis ou mesmo com os amigos.

O tema da exposição, o processo de criação de desenhos animados por um grande estúdio de Hollywood, permitiu retomar um assunto que já havia sido

abordado em sala de aula, no caso, a elaboração de esboços na preparação de um desenho.

Inicialmente foi fornecida a definição de “esboço” encontrada no minidicionário escolar Aurélio: “Delineamento em linhas gerais de uma obra de desenho, gravura, escultura, etc.”. Durante a explicação, foi salientado o caráter simplificado do esboço. No entanto, uma das alunas que visitou a exposição argumentou que os desenhos eram “perfeitos” e “cheios de detalhes”. Alguns estudantes comentaram que os esboços dos artistas eram “muito mais perfeitos” do que os desenhos que eles próprios eram capazes de criar.

A opinião de muitos daqueles que tiveram a oportunidade de examinar as obras de perto era a de que os desenhos em exibição pareciam “impressos”, não eram como os “desenhos comuns”. A resposta a esses comentários foi a de que os artistas podem ser muito minuciosos ao fazer um esboço, principalmente quando se trata de criar um personagem para um desenho animado. Os animadores precisam desenhar todos os detalhes do personagem que aparecerá na tela, portanto, naquele caso, os desenhos precisavam ser bastante detalhados.

Depois da explicação, a turma recebeu como tarefa criar um personagem que poderia ser o protagonista de um desenho animado. Os estudantes foram informados que muitos criadores imaginam uma história e um perfil para criar um personagem de desenho animado ou história em quadrinhos, porém, muitos artistas concebiam o visual do personagem primeiro para depois elaborarem uma história para aquele personagem. Muita coisa foi produzida com resultados que variavam do simplificado ao extremo até o mais elaborado.

Nas três turmas a atividade foi feita em aproximadamente 30 minutos. Como a escola não tem uma sala própria para as aulas de arte, os alunos são orientados a se sentar em grupo, assim podem compartilhar materiais e interagir com os colegas.

Quase sempre os estudantes trabalham ao som de música, que pode ser de uma rádio ou de uma caixinha de som. A música ajuda a deixar o ambiente descontraído e os estudantes possuem certa liberdade para transitar pela sala. No final, todos se dirigem até a mesa do professor para apresentar o que foi produzido durante a aula.



Figura 7: Desenho de personagens.

Em seguida a mesma aula foi ministrada na sala 20. A dinâmica da aula foi muito semelhante ao que já havia ocorrido na sala 19. Muitos alunos reclamaram que não poderiam falar sobre a exposição, uma vez que haviam ficado de fora da excursão. Os estudantes foram estimulados a irem à exposição por meios próprios.

Durante a explicação sobre os esboços, um dos estudantes aproveitou para mostrar os rascunhos das histórias em quadrinhos que ele gostava de produzir. A turma argumentou que os desenhos expostos no Centro Cultural do Banco do Brasil estavam a anos-luz daquilo que eles eram capazes de fazer. Assim como na turma anterior, os estudantes produziram esboços de um personagem criado por eles mesmos.



Figura 8: Esboço.

A última aula, na sala 25, seguiu a mesma estrutura. Os estudantes que foram ao CCBB falaram sobre o que viram e os demais comentaram que gostariam de ter ido também. O tema da aula girou em torno da produção de esboços. Uma das estudantes observou que um esboço também pode ser feito ao escrever uma redação.

Da mesma maneira que ocorreu nas outras duas turmas, os alunos compararam os próprios desenhos com as produções dos artistas profissionais da Dreamworks. Os adolescentes se sentem muito críticos em relação a sua capacidade artística e muitas vezes demonstram uma atitude depreciativa em relação aos próprios desenhos. Por outro lado, também existem aqueles alunos que apresentam uma boa desenvoltura na prática do desenho e gostam de mostrar produções feitas em casa. Em todo caso, todos os estudantes são incentivados a produzir sem se preocupar tanto com o resultado e a maioria parece entender essa proposta de trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de consolidar as visitas a exposições artísticas no programa de Arte da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira exigiu uma reavaliação das ações que vinham sendo adotadas nas aulas dessa disciplina. As reflexões que orientaram essa reavaliação se fundamentaram na percepção de que era preciso utilizar novas ferramentas pedagógicas para aprimorar a atividade em sala de aula. Para tanto, o instrumento escolhido foram as visitas a exposições artísticas, que raramente eram realizadas. Essa escolha foi influenciada pelas leituras sobre a Abordagem Triangular e as ideias do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

A Abordagem Triangular foi sistematizada pela professora Ana Mae Barbosa a partir das suas pesquisas sobre utilização de imagens nas aulas de Arte. Essa metodologia estrutura o ensino de Arte a partir de três bases: o fazer artístico, a contextualização e a apreciação de imagens. Nessa perspectiva, os três fundamentos que compõem a Abordagem Triangular se complementam e contribuem para que o estudante forme um entendimento amplo da Arte como conhecimento e como prática.

Portanto, partindo do princípio de que a apreciação estética é um importante recurso no aprendizado da Arte, esse projeto teve como objetivo principal a fruição de imagens no ambiente dos museus e exposições.

É importante destacar também que o presente trabalho tem como premissa ser um propósito. Segundo o dicionário Houaiss, “propósito” pode ser definido como “a intenção de se fazer algo”, nesse sentido, há sempre algo de inconcluso na disposição de empreender uma nova prática de ensino. Portanto, ainda que os estudantes tenham efetivamente visitado uma exposição, uma única atividade não é o suficiente para avaliar um projeto que prosseguirá nos anos seguintes.

Contudo, ainda que os resultados desse projeto não possam ser avaliados por completo, é possível tecer alguns comentários sobre a sua execução e seus desdobramentos.

A primeira observação a ser feita se refere à intervenção prática proposta por esse trabalho. A realização da visita à exposição enfrentou um obstáculo que trouxe algumas dificuldades. O evento escolhido para a realização da prática foi a exposição “*Dreamworks: uma jornada do esboço a tela*”, que esteve em cartaz no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB). A princípio o projeto previa que fossem

levados 92 adolescentes de três turmas de oitavos anos da escola. Porém, devido à grande concorrência de visitantes para a exposição, foi possível levar apenas 20 estudantes. Em função dessa dificuldade, foi necessário realizar um sorteio entre os alunos para que a intervenção se efetivasse.

Apesar da restrição do número de alunos que foram à exposição, a avaliação da prática pode ser considerada positiva. Enquanto estiveram presentes no espaço do CCBB, os garotos e as garotas puderam examinar atentamente os desenhos, pinturas e esculturas feitas pela equipe de animadores da Dreamworks. A riqueza de detalhes das obras em exibição chamava a atenção, facilitando o envolvimento dos alunos com a atividade. Nessa perspectiva, os estudantes tiveram a oportunidade de apreciar por si mesmos produções originais feitas por artistas profissionais.

As imagens observadas na mostra artística proporcionaram várias reflexões durante o passeio e também em sala de aula. A primeira delas se refere ao processo de produção de um desenho animado. Durante a visita o Arte-educador que acompanhava a turma explicou para os estudantes as etapas de criação de um filme de animação. O professor que acompanhava a turma também fazia observações e comentários acerca dos itens expostos, além de responder as perguntas que os alunos faziam diante das informações que iam surgindo ao longo do passeio.

Por se tratar de uma exibição que abordava temas como técnicas de animação e criação artística, a atividade possibilitou muitas reflexões durante o passeio e também posteriormente. Muitas das imagens em exposição eram esboços preparatórios para a criação de personagens e cenários de desenhos animados, o que gerou material para a produção dos próprios adolescentes depois do passeio.

De fato, já no ambiente escolar, os estudantes e o professor puderam se aprofundar sobre o conceito de esboço e a sua aplicação no campo das Artes. Esse aprofundamento acerca de um dos temas da exibição está em consonância com os fundamentos “fazer-ler-contextualizar” da Abordagem Triangular. Nessa lógica, após a apreciarem as imagens durante a visitação e receberem explicações sobre o contexto no qual aquelas obras foram criadas, os estudantes foram estimulados a produzir seus próprios trabalhos durante a aula que se seguiu a visita.

Somado a isso, a visita ao CCBB também foi uma oportunidade para refletir sobre o papel da escola na intermediação entre os estudantes e a cultura dos museus.

Essa reflexão se fundamentou na tese de Pierre Bourdieu acerca da frequência com que diferentes grupos sociais frequentam museus. Segundo o autor, haveria uma correlação entre a frequência aos museus e os aspectos socioeconômicos dos seus visitantes. Nessa perspectiva, níveis mais elevados de instrução corresponderiam a uma maior frequência em galerias de Arte e exposições.

Partindo da associação entre a escolaridade e a frequência a museus apontada por Bourdieu, foi estabelecido o objetivo de conhecer o perfil socioeconômico dos estudantes da unidade de ensino para verificar se havia alguma correlação entre a classe social e o hábito de frequentar museus.

Para compreender a situação social dos estudantes foi elaborado um questionário com perguntas sobre a moradia, a profissão dos pais, presença de internet em casa etc. Havia também questões sobre a frequência a museus e outros hábitos de entretenimento cultural como a leitura, ida a cinemas etc.

É preciso observar que em virtude da natureza limitada desse trabalho, o questionário produzido para a pesquisa não apresentou a sofisticação necessária para produzir um retrato detalhado da situação socioeconômica dos adolescentes. Ainda assim, a aplicação do questionário foi válida. Somado aos indicadores da escola fornecidos PBH, as respostas do questionário permitiram traçar um perfil social verossímil dos estudantes.

Nessa lógica, a partir da sondagem, foi possível concluir que, independente da classe social ao qual pertencem a maioria dos garotos e garotas da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira fazem parte dos grupos de classe médias pertencentes ao bairro Caiçara e bairros vizinhos. Além disso, a pesquisa confirmou que muitos dos jovens tem acesso a bens que formam o capital cultural de uma família de classe média, tais como livros, internet, computadores etc.

Ainda em relação ao questionário, muitos dos alunos responderam que já tinham ido ao museu com os familiares. Porém, mesmo esses também haviam realizado visitas a museus sob a supervisão da escola. Essa informação corrobora o fato de que o trabalho da escola complementa a formação cultural fornecida pelos pais no círculo familiar.

Portanto, a partir desse trabalho foi possível concluir que, ao promover uma visita a uma exposição artística, a escola possibilitou que os estudantes

apreciassem e contextualizassem imagens produzidas por artistas, o que enriqueceu as discussões e as práticas no contexto da sala de aula. Além disso, esse trabalho também permitiu refletir sobre a atuação da escola na mediação entre a cultura adquirida no meio social e a cultura encontrada nos museus e outros espaços de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ARREGUY; RIBEIRO (COORD.), Cintia Aparecida Chagas; Raphael Rajão. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: Regional Noroeste. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras*. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, ed. 7, p. 170 - 182, set./ dez. 1989.

BARBOSA, Ana Mae. Síntese da Arte-Educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras. **Polyphonía**, [s. l.], v. 27/2, p. 673 - 693, jul./dez. 2016.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida: goffts de classe et styles de vie. (excerto do artigo "Anatomie du gofft"), traduzido por Paula Monteiro. **Acts de la Recherche en Sciences Sociales**, [s. l.], n. 5, p. 18 -43, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

CARNOY, Martin. **Educação, economia e estado: base e superestrutura**: relações e mediações. 2. ed. São Paulo: Cortez editora, 1984.

CASTRO, Maria Ângela Reis de. **Guia de Bens Tombados de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Belo Horizonte, 2006.

CATANI, NOGUEIRA, Afrânio, Maria Alice (organizadores). **Escritos da educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CLONINGER, Susan C. **Teorias da Personalidade**. 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. O Conceito "Capital Cultural" em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Perspectiva**, Florianópolis, ano jul./dez. 2007, v. 25, n. 2, ed. 2, p. 503-524, 2007.

GUERRA, MARTINS, PICOSQUE, M. Terezinha Telles, Miriam Celeste, Gisa. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: petizar, fruir e conhecer arte**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1998.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAMPERT, SILVA, Jocielle, Tharciana Goular. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no Contexto Brasileiro. **Matéria Prima**, [s. l.], v. 5, ed. 1, p. 88 - 95, 2017.

MARTINS (ORG.), Luciana Conrado. **Que público é esse?: Formação de museus e centros culturais**. São Paulo: Percebe, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO | INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA DIRETORIA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. NOTA TÉCNICA: Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica (Inse). *In*: **NOTA TÉCNICA: Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica (Inse)**. [S. l.], 21 nov. 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2015/nota_tecnica/nota_tecnica_inep_inse_2015.pdf. Acesso em: 21 nov. 2019.

NOGUEIRA, NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, [s. /], Abril 2002.

Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais; Aleijadinho; Belo Horizonte, 1983. Número especial.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Informare - Cad. Prog. Pós-Grad.**, [s. /], v. 1, ed. 2, p. 24 - 36, jul./dez. 1995.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DE FREQUÊNCIA EM MUSEUS

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Professor JOÃO MARCELO DE GUIMARÃES DIAS

NOME COMPLETO:-----

SÉRIE: 8º

SALA:-----

Para escolher as suas respostas, marque o número correspondente. Por exemplo, para responder “sim”:

1. Sim

2. Não

Caso tenha alguma dúvida, fale com o professor!

1- Sexo:

1. Masculino
2. Feminino

2- Qual é a sua idade?

1. 12 anos
2. 13 anos
3. 14 anos ou mais

3- Em qual bairro você mora?

1. Caiçara
2. Alto Caiçara
3. Monsenhor Messias
4. Santo André
5. Outro

Se você marcou a opção “**outro**”, escreva o nome do bairro:

4- Como você vem para a escola?

1. De carro com os familiares ou os responsáveis
2. Ônibus
3. Escolar
4. Carona
5. A pé
6. Outros

5- Sua casa é:

1. Própria
2. Alugada
3. De parentes ou amigos.
4. Outros

6- Incluindo você, quantas pessoas moram na sua casa?

1. 2
2. 3
3. 4
4. 5 ou mais.

7- Quem são as pessoas que moram na sua casa? Ex. Pai, mãe, dois irmãos...

8- Qual é o trabalho dos seus pais ou responsáveis? Ex. Meu pai é motorista...

9- Você tem computador em casa?

1. Sim
2. Não

10- Você tem internet em casa?

1. Sim

2. Não

11- Você tem telefone celular?

1. Sim

2. Não

12- Você costuma ir ao cinema?

1. Sim

2. Às vezes

3. Não

13- Você costuma ler livros?

1. Sim

2. Às vezes

3. Não

14- Você **já** visitou algum museu?

1. Sim

2. Não

15- Se você **nunca** visitou um museu, você gostaria de visitar algum?

1. Sim

2. Não

*** Observação: se você nunca visitou um museu não precisa responder as questões 16, 17, 18, 19.**

16- Se você **já** visitou algum museu, com quem você foi?

1. Pais ou responsáveis

2. Parentes.

3. Amigos

4. A escola

Caso você se lembre, escreva o nome do museu que você visitou.

17- Você gostou da visita que fez ao museu?

1. Sim
2. Não

18- Você considera que aprendeu alguma coisa na visita?

1. Sim
2. Não

19- Você gostaria de fazer outros passeios a museus e exposições?

1. Sim
2. Não

Obrigado pela sua colaboração!

APÊNDICE B – PROJETO DE VISITA AO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL



ESCOLA MUNICIPAL MONSENHOR ARTUR DE OLIVEIRA

Projeto de visita ao Centro Cultural do Banco do Brasil

PROFESSOR JOÃO MARCELO DE GUIMARÃES DIAS

OBJETIVOS:

1. Essa atividade tem como objetivo consolidar as visitas à exposições artísticas no calendário cultural da Escola Municipal Monsenhor Artur de Oliveira.
2. Com isso pretende-se oferecer aos alunos a oportunidade de se habituarem a frequentar os espaços de difusão da cultura e do conhecimento existentes no município de Belo Horizonte.
3. Juntamente com o fazer artístico e a contextualização histórica, a fruição de obras de arte é considerada um dos pilares da arte-educação nas escolas brasileiras contemporâneas. Nessa perspectiva, outro propósito desse trabalho consiste em possibilitar que os estudantes tenham um contato direto com produções artísticas originais.
4. Espera-se também que a visitação a mostras de arte seja uma fonte de estímulo para a própria prática artística dos adolescentes.

JUSTIFICATIVA

No Brasil contemporâneo, a escola ainda é percebida como um dos principais locais de aquisição do saber. Além do estudo dos conteúdos fundamentais como Português, Matemática e Ciências, o ambiente escolar pode oferecer aos estudantes a oportunidade de formar hábitos que talvez não tenham sido possíveis de serem construídos no âmbito familiar e social mais próximo.

Não seria exagero afirmar que o costume de visitar museus é pouco disseminado entre as famílias brasileiras. Nesse sentido, frequentar mostras

culturais e artísticas é uma prática que pode ser desenvolvida e estimulada no espaço escolar.

Além disso, os museus podem ser vistos como uma extensão da escola, uma vez que se trata de locais que disponibilizam materiais para a investigação e a reflexão dos alunos. Essa premissa se encontra nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (1997: 25), que preconizam em diversos pontos que os estudantes tenham um contato próximo com as diversas modalidades de produção artística.

Por se tratar de uma das maiores capitais do país, Belo Horizonte oferece diversas opções de museus e exposições de arte. Trata-se de algo importante, haja vista que além de serem lugares onde os estudantes podem obter novas experiências estéticas, os museus também podem se apresentar como locais de entretenimento.

O espaço a ser visitado e a exposição

O Centro Cultural do Banco do Brasil está situado na Praça da Liberdade, Regional Centro-sul da capital mineira. De acordo com informações disponibilizadas pelo [site da própria instituição](#), trata-se de um edifício histórico que já foi sede da Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais, Secretaria da Defesa Social e da Procuradoria Geral do Estado.

O prédio passou por uma restauração e foi reinaugurado no ano de 2013. Atualmente, as atividades ofertadas pelo CCBB são fruto de uma parceria entre o Banco do Brasil e o Governo do Estado de Minas Gerais e o Centro integra o Circuito Liberdade, que é formado por outros antigos prédios da administração pública estadual. O Circuito Liberdade está situado na Praça da Liberdade, um dos pontos turísticos mais conhecidos de Belo Horizonte.

A exposição a ser visitada

No período de 15 de maio a 29 de julho de 2019 o CCBB receberá a exposição **“Uma Jornada do Esboço à Tela”**. Nessa mostra os estudantes terão a oportunidade de observar várias artes e desenhos utilizados na criação de animações da Dream Works Animation. O estúdio norte-americano é responsável por desenhos animados de sucesso tais como Shrek, Kung Fu Panda e Como Treinar o Seu Dragão.

Fazem parte da mostra centenas de desenhos, esboços, storyboards, pinturas e fotografias que os adolescentes poderão apreciar em primeira mão. Com isso também se espera que os estudantes possam refletir sobre as diferentes etapas e processos da criação artística.

METODOLOGIA

A visita a exposição **“Uma Jornada do Esboço à Tela”** contará com a participação dos estudantes das três turmas do 8º ano perfazendo um total de 95 adolescentes. A atividade ocorrerá no turno matutino, horário em que os alunos estão matriculados.

Para o deslocamento serão necessários ao menos dois ônibus e contará com a participação de ao menos dois professores para acompanhar as turmas. É importante ressaltar que o professor de arte, responsável pelo projeto, deverá contextualizar, organizar e conduzir a excursão.

Adotando os princípios da contextualização, fruição e a prática artística, é importante que os estudantes tenham um conhecimento prévio do local que irão visitar. Isso requer ao menos uma aula onde serão tratados os aspectos mais relevantes sobre o espaço de visitação, o tema da exposição e as obras mais relevantes que poderão ser observadas.

O professor também deve ressaltar os elementos da exposição que estejam associados com os conhecimentos construídos em sala de aula. Ou seja, é importante que os adolescentes estejam atentos a técnicas presentes nos trabalhos expostos que se relacionam com os procedimentos artísticos aprendidos no contexto escolar. Além disso, as obras dos artistas também podem trazer novas informações técnicas e temáticas que podem ser incorporadas pelos alunos em sua prática escolar.

Outro ponto a ser observado junto aos adolescentes são as regras de comportamento dentro do ambiente de visitação. Museus e centros culturais possuem normas para que os expectadores possam desfrutar das obras em exposição, por isso é importante que os estudantes se familiarizem com os regulamentos dos espaços de cultura.

O segundo passo dessa atividade consiste no próprio passeio, onde os alunos terão a oportunidade de observar as produções em exibição. Os

adolescentes serão estimulados a observar, refletir e se entregar ao ato de se defrontar com trabalhos artísticos originais.

Como etapa final do projeto e já na própria escola, os estudantes deverão participar de uma aula prática, na qual poderão criar trabalhos próprios relacionando com os temas e técnicas que puderam observar durante a visita. Nesse ponto da atividade é esperado que os adolescentes sejam capazes de compreender que o processo de criação artística envolve muitas etapas até a elaboração do produto final.

É importante observar que a visita ao CCBB é o primeiro passo para o objetivo maior de fixar as visitas às exposições na pauta cultural da escola. Com isso pretende-se que a Escola Monsenhor Artur de Oliveira estimule o interesse dos estudantes pelos espaços de conhecimento da cidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** - 6º. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2005. _ (Estudos; 126/ dirigida por J. Guinsburg)

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do Ensino da Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer a arte.** São Paulo: FTD, 1988.

Parâmetros curriculares nacionais: arte? Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

